



DO ESTRANHAMENTO DA RELIGIÃO AO MERECEMENTO DA RELIGIÃO: O ENSINO RELIGIOSO NA SOCIEDADE LAICA

Eulálio Avelino Pereira Figueira
Doutor em Ciências da Religião
efigueira@pucsp.br
PUC-SP
GT 01: Religião e Educação

Resumo: Permitam-me começar com uma pergunta que julgo importante ser feita: Se é fato que a religião não é assunto que dependa de uma expressa necessidade de justificativa para ocupar a vida dos indivíduos e suas relações comunitárias; se tão pouco para aqueles que se dizem religiosos, os debates e reflexões acerca da religião em nada irão alterar sua relação face a ela, porque devemos “gastar” tempo e desprender atenções sobre ela e seus conteúdos? Enfrentar o tema da laicidade e da secularização será a possibilidade para se responder com consistência e legitimidade a este problema. Neste trabalho proponho-me assumir alguns pontos de pronta convicção: Primeiro tratar de laicidade implica afastar do debate as ideias anticlericais. Segundo é na laicidade que o efetivo diálogo entre as diversas religiões vai encontrar o espaço propício para acontecer e nela se fará o diálogo não de surdos mudos, mas o diálogo da contribuição. Terceiro a laicidade será a garantia do respeito ao cidadão que se diz sem religião, isto é aquele indivíduo que, mesmo inserido em um meio que professa uma ou várias religiões não reconhece que necessita professar uma religião de forma a encontrar uma forma de justificação ou até explicação para seu existir. Por fim proponho como finalização tratar das distinções e distâncias entre secularização e laicidade, de forma que não podem ser tomadas como sinônimos uma da outra. Por isto encaminho como resultado deste trabalho a proposição de que é na Laicidade que a legitimidade política e antropologia para se falar de religião se funda e lança suas bases para o Ensino Religioso.

Palavras chave: Laicidade, secularização, Novo Mundo, Ensino Religioso.

O fato de transitarmos num período histórico, pelo menos no terreno das ideias, no qual flertamos com o fato religioso entre o que eu chamo de um tempo de estranhamento e um tempo de merecimento da religião, deve ser o fio condutor para nos debruçarmos sobre a temática da educação e da religião nos dias atuais e com isto afirmar a importância de se inserir o ensino religioso no debate pela definição de uma área de conhecimento, conferindo-lhe pertinência e legitimidade acadêmica. No meu entendimento isto só é possível no interior de uma sociedade laica.

Para organizar as ideias que me auxiliam a tratar deste assunto: o ensino religioso e a laicidade da sociedade contemporânea, como “pano de fundo” tomo três elementos ordenadores:

1. O tema da Educação: no qual deve ser debatido o problema Escola e formação do conhecimento. A escola na civilização ocidental surge como resultado da ciência. Assim, na civilização ocidental a transmissão da ciência e do conhecimento ocorre na escola.
2. O tema da Secularização e Laicidade: onde devemos inserir as questões que põem em pauta este nosso Fórum e que em meu entendimento vão além das fronteiras sobre a validade da religião, pois elas tocam os problemas que estão inevitavelmente relacionados com a convivência e experiências humanas no mapa das sociedades, e produzem em debate questões políticas, morais, jurídicas, econômicas, estéticas, filosóficas e teológicas. Implica perguntarmos sobre o que efetivamente resulta dizermos que somos humanos que vemos o Mundo pelas lentes da Secularização e da Laicidade e acreditamos que isso nos permite Viver Melhor.
3. O tema da Religião como unificador dos tópicos anteriores, como possibilidade para responder não aos desafios do ER na sociedade secularizada, mas talvez a resposta aos problemas que a Laicização enfrenta no atual contexto e momento. E por isso eu faço a pergunta se o Ensino Religioso, pode mesmo ser resposta á Laicização? Proponho que se coloque a questão numa dimensão da Civilização

do Ocidente. Queiramos ou não para usar um vocabulário da visão do mundo da informática, fomos formatados na plataforma da Secularização e por isso não conseguimos rodar em outro sistema se formos transferidos para outros sistemas corremos o risco de arranhar a HD ou sequer conseguirmos abrir nossos arquivos, colocando em risco Fatal nosso Registro sistêmico.

Com algumas variantes, mas repito aqui a pergunta inicial: se é fato que a religião não é assunto que dependa de uma expressa necessidade de justificativa para ocupar a vida dos indivíduos e suas relações comunitárias, e se nem mesmo para aqueles que se dizem religiosos, os debates e reflexões acerca da religião em nada irão alterar sua relação face a ela, porque devemos “gastar” tempo e despender atenções sobre a religião e seus conteúdos?

Certa vez numa conversa sobre a defesa da importância da filosofia para a vida do mundo e determinantemente sobre sua importância na resolução dos problemas do mundo, ouvi uma colocação que eu compreendi como profundamente filosófica (se é que assim podemos falar) e plena de propriedade: *a filosofia é uma coisa tal que com ela ou sem ela o mundo fica tal e qual.*

Eu tenho observado esta máxima dita com referência à filosofia estendida a muitas disciplinas do interesse da humanidade, como querendo dizer que muitas coisas com as quais nos ocupamos devem merecer nossa atenção não porque possam produzir algum efeito prático, ou porque se coloquem como possibilidades para mudar os rumos da história ou ainda porque serão de grande utilidade para produzir respostas sobre os problemas que a humanidade precisa resolver diante do fato de se inventar a vida. Significa que há coisas que inventamos e que precisamos no mínimo observá-las, entendendo este observá-las talvez como algo próximo ao contemplá-las. Pois gastamos muito tempo com a necessidade de respostas imediatas e rápidas diante da emergência e da contingência das coisas práticas.

Somos herdeiros de uma “visão de realidade” pela qual os céus estavam repletos de deuses e de mistérios que, de tão misteriosos os homens daquele tempo achavam que o melhor era simplesmente confiar, pois isso bastava para justificar suas razões de viver. Mas logo aqueles homens começaram a levantar questões sobre, não a origem

das coisas, mas sobre a forma de perguntar o que perguntavam e com isso foram descobrindo que seu mundo acontecia em paralelo com o mundo dos deuses. Surgem então os mistérios humanos e os mistérios dos deuses.

Mas este “namoro” com a suspeita de que humano e divino pudessem andar de braço dado não se apresentou tão duradouro e plausível e logo nossos progenitores trataram de buscar bases que lhe permitiram explicar porque não mais necessitavam da ajuda e da presença de deuses para organizar seu mundo e fundar as razões de seu existir. Parece então que se opera uma reviravolta na maneira de conceber e sentir o mundo e aquilo que para alguns “iluminados” podia parecer uma hipótese que deveria ser afastada porque os fazia sentir-se como anômalos a uma certa ordem das coisas e tal hipótese pudesse parecer aberrante, de fato em nossa idade ela é em definitivo um fato que precisa ser admitido, fazendo com que aquela visão anterior nos seja alheia ou determinantemente estranha. (Opera-se uma mudança de mundo, como que algo há um mundo que finda, o Fim de um Mundo e o Surgimento de um Novo mundo).

A mudança de concepção de mundo, o que costumamos denominar de visão de mundo, não pode ser apenas identificada com o fato de o homem descobrir novos modos de olhar a realidade à sua volta, mas pelo fato de que este olhar se reveste de um novo referencial de justificativa de como fazer essa mirada.

Se durante um longo período da história humana (da Antiguidade pós-clássica até final da Idade Média) que se arrastou por um período que durou mais de um milénio, no qual como aponta Remi Brague: representa com efeito uma situação notável de encontro entre a cosmologia e cosmografia, senão quase coincidência entre uma e outra.(...) Os espíritos foram dominados por uma cosmografia que era, por um lado, unanimemente aceite, pelo menos quanto aos seus traços mais largos, e que por outro, se prestava á articulação com uma ética. (BRAGUE 1999 p. 242)

Em correlação com a época moderna, se as mesmas inquietações e perguntas que os homens se fazem permanecem; agora aquela mesma cosmografia que serviu no período anterior, do mesmo modo já não serve. Como diz Brague: pôr de acordo os espíritos já não se prestava a uma sobre determinação ética, negativa ou positiva. O cosmos moderno é eticamente indiferente. A imagem do mundo que vem da física segundo Copérnico, Galileu ou Newton é

a imagem de um jogo de forças cegas, em que não há lugar para a consideração do Bem (BRAGUE, 1999 p. 242). Algo de novo ocorre e é preciso aceitar isto.

Sem dúvida observamos que mudanças profundas ocorrem no material que serve aos homens para elaborarem suas teorias e seus desenhos acerca deles mesmos, da vida e do mundo. Estas mudanças estão, por uma primeira observação, ligadas às mudanças do mundo físico, porque elas estão ligadas ao conhecimento sobre este mundo.

Como Brague nos informa: Até a época moderna, a cosmografia vulgarmente admitida pelos sábios coincidia sumariamente com a representação do mundo que era corrente entre a maioria das pessoas cultas. Depois dessa época isso deixou de ser possível. Novas observações, e as teorias que foi preciso fabricar para explica-las, resultaram numa visão do universo físico que já não se podia conciliar com a imagem antiga e medieval do lugar do homem no cosmos. (BRAGUE, 1999. p241)

Para apresentar minha hipótese ou suspeita, que nos provocará diante deste tema da Educação, da Laicidade e da Religião e seus possíveis e desejáveis entrelaçamentos, inclino-me para afirmar que a humanidade contemporânea segue-se fazendo as mesmas indagações de seus antecessores e talvez com o mesmo olhar posto no futuro, no entanto descobertas sobre os novos materiais que lhe provocam os olhares fazem com que suas visões acerca dos problemas provoquem mudanças epistemológicas.

Eu diria que a preocupação por tratar a vida e a existência em referências da ética persiste, ainda que, com frequência se escute dizer que as relações se esvaziaram de ética. Em minha suspeita não foi a ética e suas preocupações que se evadiram, mas o que em tempos se assumia como garantias para ela, hoje não têm mais como se assumir.

Talvez os debates sobre a religião e seus conteúdos em nada auxiliem os homens, reunidos em comunidades, a encontrarem meios que forneçam diretrizes de solução diante de problemas surgidos da obrigatoriedade em satisfazer uma existência aceitável. A hipótese Deus talvez já não sirva mais para afastar o medo das tempestades, Deus não será o “para raios que nos vai salvar do raio”, ou a fazer com

que nossos vizinhos nos tomem em sério. Neste rol não só a religião, mas talvez devêssemos dizer o mesmo sobre a arte, a estética, a poesia, a literatura. Pode ser que boas doses de Diplomacia, de Política, de Geografia, de Física, Química, etc. se apresentam como debates mais efetivos e interessantes.

Porque as conversas acerca da religião estão sempre presentes no espectro das questões sobre a humanidade e suas respostas? Talvez porque a religião não se reduza a simples manifestações que usualmente assim foram denominadas. Falar deste tema e de suas ramificações exige, por parte dos estudiosos que sobre ela se debruçam, aceitar ser imprescindível aventurar-se além das fronteiras do empírico, onde o fenomenológico, muitas vezes perde suas garantias.

1. Escola, educação e conhecimento.

Afinal, alguém inventou ou pelo menos “espalhou para os sete mares” que somos sujeitos necessitados de aprender as coisas à nossa volta; de que a possibilidade de existirmos está intimamente ligada ao fato de podermos não só perceber o que à nossa volta se movimenta, mas apreende-lo e sobre ele dizer alguma coisa. Para isso necessitamos ser inseridos em um processo que denominamos de ensino e aprendizagem e que por alguns acasos (ou talvez não tão ocasos) nossa história – a do Ocidente – tratou de ir sistematizando e complexificando gradativamente tudo aquilo que gira à nossa volta e constitui-se no que nos habituamos a nomear como nosso mundo. Eu gosto de afirmar que carinhosamente passamos a dizer tratar-se de nossa casa, isto é, o nosso canto, nosso lugar.

Com isto desenvolvemos a sensação de que temos algo propriamente nosso. E por isto, então desenvolvemos a estranha sensação de que o mundo, este mundo, não existiria se nós assim não o criássemos, não o inventássemos e não o alimentássemos.

É isto que carinhosamente passamos a chamar de nosso, o nosso mundo, que então nos obriga a lidar com as coisas que giram à nossa volta como coisas que, também elas se revestem de uma certa qualidade que imprime a elas, às coisas e a nós, uma certa forma de existência que precisa ser tratada muito além do mero fato de observar o funcionamento mecânico que controla o tempo dos organismos.

Assim, as coisas e também nós somos inseridos numa dinâmica do tempo onde as coisas se fazem eternas e nós não aceitamos que a nossa vida se encerra diante do fato de um corpo parar de funcionar. Não aceitamos com facilidade que o tempo possa passar indelével por nós, e assim nos apressamos a dividir e a ordenar estes eventos em algo que nos garanta que sobre tudo exercemos certa interferência.

Talvez, por isto achamos, porque não nascemos colados às coisas e ao mundo, que a vida só poderá ser vivida diante da possibilidade por construirmos formas cada vez mais capazes por satisfazerem nossa teimosia em achar que existe algo mais além. De que a vida não se dá na mais evidente certeza de que tudo é finito.

Se então não nos sentimos reduzidos à finitude do mundo, e se nossa natureza não nos equipou com as ferramentas capazes de resolver o problema da incerteza de nosso destino, a ponto de não aceitarmos que tudo deva ser segundo algo já previamente desenhado, então como podemos responder aos desafios em criar um sentido para o que aparentemente é sem sentido?

Vamos partir do convencional argumento de que somos sujeitos educáveis, que sabemos que nada sabemos e por isso necessitamos de certas doses de humildade diante da tarefa em desvendar os “segredos ocultos” da vida e do universo e que para podermos realizar tamanha arte de magia precisamos criar métodos que sejam capazes de lançar as dúvidas metódicas capazes de nos lançar na porta de tais mistérios. Afinal o que nos permitiria desvendar tudo isso não fosse um cogito capaz de se manter imutável diante da mutabilidade das “res extensas” as coisas percíveis, volúveis e finitas que nada de mistério provocam e por isso qualquer ser mortal que não participa dos *mysterium* poderá pretender ser parte?

Tal linha de pensamento, ou de conjecturas me surge quando levanto a possibilidade de podermos, nós humanos, pretender compreender as coisas que não ficam presas na empiria dos dados demonstráveis. Sim, parece que nem tudo que nos surge no espírito, para não dizer no pensamento, se prende na capacidade da observação factual.

As humanidades desde sempre se preocuparam em olhar e admirar os céus e então por isto ali encontraram boas doses de confortáveis justificativas criadas para apaziguar seus medos e suas desconfianças diante do desconhecido. Parece que fomos perdendo o medo de ter ou sentir ter medo. Mas as perguntas e especulações sobre nossa existência como criaturas seguem provocando incômodas respostas e conjecturas.

Um problema nasce diante desta possibilidade em conjugar a certeza de que somos criaturas e que por esse fato não escapamos à crueza dos acontecimentos e à contingência da materialidade das coisas finitas; mas na mesma certeza nos compreendemos como seres eternos, e por isso necessitamos encontrar mecanismos que nos tranquilizem diante desta incomoda consciência.

Neste ambiente surgem as religiões, e por elas civilizações, culturas e tradições, em sua história, formulam respostas e formas para atender à demanda sobre a possibilidade em atribuir a nossa existência algo que faça sentido, um sentido último.

A religião, mesmo na contra mão da crítica religiosa que se instala no século XIX e boa parte do século XX que profetiza o fim da religião, não sai de cena nem das praticas cotidianas do homem ocidental, ainda que não se efetive mais como um consenso entre todas as plateias.

Como em nenhum outro período da história, como lembra Michel Meslin,(MSLIN, 1992 p.21) o interesse pelos estudos sobre a religião e sua implicação na experiência humana, a religião alcançou tal lugar de interesse e destaque. Isto ocorre graças ao fato do desenvolvimento das ciências humanas que passaram a conduzir os estudos sobre o homem e suas dimensões para mergulhar na compreensão de seus mistérios, e porque uma nova forma de fazer teologia surge diante da necessidade para responder ao diálogo entre as religiões.

A religião vai sofrer, como as ciências, influências do que ocorre no cenário no qual as sociedades e em particular a academia vão viver neste novo momento de

enfrentar a resposta aos problemas do sentido da vida, em particular do sentido último da vida.

Agora a religião não é mais a única e talvez nem a mais importante dimensão humana, onde Deus não seja mais a hipótese para tudo. Não será mais ela quem irá servir ao homem de garantia de pertença ao seu meio, mas ela não vai sair de cena.

Precisamos entender o que este tempo denominado de Laicidade e secularização provoca no espaço da religião e em todas as dimensões que identificam os humanos filhos deste tempo.

2- Secularização e Laicidade.

Enfrentar o tema da laicidade e da secularização parece-me que é preciso assumirmos alguns pontos de pronta convicção: Tratar de laicidade implica afastar do debate as ideias anticlericais. Segundo é na laicidade que o efetivo diálogo entre as diversas religiões vai encontrar o espaço propício para acontecer e nela se fará o diálogo não de surdos mudos, mas o diálogo da contribuição. Terceiro a laicidade será a garantia do respeito ao cidadão que se diz sem religião, isto é aquele indivíduo que, mesmo inserido em um meio que professa uma ou várias religiões não reconhece que necessita professar uma religião de forma a encontrar uma forma de justificação ou até explicação para seu existir. Por fim existem distinções e distâncias entre secularização e laicidade, de forma que não podem ser tomadas como sinônimas uma da outra.

Meu ponto de Partida para se articular religião e laicidade, passa pelo debate sobre a legitimidade da religião no que denominamos de Estado Laico. A religião no Estado Laico e na sociedade laica não é e não pode ser vista como um corpo estranho, como um organismo que não só não seja visto como pertencente á laicidade, nem tão pouco como um elemento que, se estiver presente, seja olhado como intruso ou inconveniente, muito menos como algo pernicioso a este ambiente.

Religião não será estranha ao Estado Laico e à sociedade que o legitima porque qualquer um deles (Estado e Sociedade) não se opõe à religião e mais, não fazem dela

algo que não deva estar presente no seu cenário de produção de relações desenvolvidas nos diversos e múltiplos ambientes deste cenário.

A noção de laicidade não estranha, como também não rejeita a religião por entender que ela é parte intrínseca nas expressões humanas das relações que povos e sociedades estabelecem por suas mais diversas atividades.

É no âmbito da compreensão de Estado Laico e de laicidade que falar de religião faz sentido e se constitui legitimidade política e antropológica. Solicitar a presença do Ensino Religioso como disciplina na grade curricular da instrução formal com seus conteúdos próprios, ganha sentido e legitimidade; o que dará então entendimento e pleno lugar à religião no processo de compreensão da laicidade, onde se percebe como forma através da qual os humanos, procuram responder às demandas que a produção de razões validades para viver exigem.

Em artigo de Marília Domingos (Rever 3 – 2009) sob o título Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de Tolerância, “a existência da disciplina ER no currículo da escola fundamental brasileira pode parecer um contrassenso, quando se considera que o Brasil é um Estado Laico” (DOMINGOS 2009 p.45). Esta consideração dá-se num contrassenso ao reverso, uma vez que ela está fundada em incompreensões, ou até mesmo em não compreensão sobre o que deve ser entendido como Estado Laico.

A não compreensão sobre o que é o Estado Laico e seus desdobramentos, levará inevitavelmente a uma também não compreensão da religião que por sua vez interfere na compreensão equivocada da legitimidade e presença do religioso no cenário da laicidade. Tais equívocos tem feito com que se tenha identificado e constituído a laicidade como sinónimo de ateísmo e anti-clericalismo.

Anselmo Borges (BORGES, 2004, p. 124) ao tratar do tema da secularização, o faz em articulação com outro assunto que ganha sentido e força neste ambiente de que estamos falando, mas em meu entendimento oferece para os debates sobre a religião no cenário da laicidade contribuição importante por sugerir que a secularização produz

a tolerância e a religião terá função determinante na garantia deste tema tão caro á secularização.

Segundo Borges o suposto ofuscamento da religião na sociedade ganha nova compreensão se for analisado á luz dos resultados contrários ao anuncio das críticas negativas à religião. Assim a religião deixará de ser vista como uma inevitável recusa dentro da sociedade, saindo então do circulo da negação e sua presença se faz legitima na vida pública da sociedade.

Como diz Borges, as periódicas profecias que anunciavam o fim da religião não se confirmaram. (...) Contrariamente a esta suposição, assiste-se ao retorno do religioso, sob as formas mais diversas, incluindo a do religioso selvagem. A religião é uma dimensão profunda e constitutiva do ser humano, como a música, a ética, a estética, o direito (BORGES, 2004 p. 129).

Esta compreensão de Borges nos leva a outra diferente observação sobre a presença da religião e seus resultados no cenário da vida publica. Se não se verifica o que as profecias do fim da religião e de seu correlato a morte de Deus Anunciavam, então o homem que, supostamente havia sido aventado como o algoz de Deus não mais teria de se culpar por algo que estava sendo acusado e que não fez. Assim Deus e o homem não se veem inimigos e reatar suas relações será inevitável.

Gianni Vattimo faz uma compreensão acerca deste debate do que ocorre no horizonte da religião, em função das teorias do fim da religião que entendo pertinente para compreender o que de fato ocorre depois das afirmações que se fizeram neste território.

Para Vattimo as críticas negativas da religião têm importância e razão de ser, como também tem razão de ser o fato de que elas não se efetivaram de pleno. O que então terá ocorrido? Segundo Vattimo assistimos a uma mudança não apenas de teoria, mas a uma mudança no modo como a relação homem Deus passa a ser vivida. Deus, no entendimento da proposta de Vattimo, se entrega – na pessoa do Cristo – totalmente à humanidade e deste feito muda-se a clássica noção do Deus Senhor que vê os homens como seus servos, para a noção de Deus Caritas, que os vê como amigos.

Vattimo objetiva a religião privada ao descrever a secularização da cultura europeia como a realização da promessa da Encarnação, considerada como Kenósis, ou seja, como a total entrega de Deus à humanidade. Deste modo quanto mais o Ocidente se torna secular e quanto menos hierocrático, mais o Ocidente cumpre a promessa dos Evangelhos de que Deus não nos toma como servos, mas como amigos. E nisto a essência da revelação cristã ganha seu sentido originário, a Caridade enquanto todo o resto é deixado para experiências históricas sem determinação. (VATTIMO, 2004)

No entanto pelo que a secularização possa ter trazido de novidade e revitalização ao religioso, nem tudo fica ileso de problemas. Se a modernidade havia como que domesticado, entenda-se também civilizado, o religioso, este também, como disse Borges, reaparece em seu ambiente “selvagem”. Uma vez que escapa a qualquer forma de aprisionamento. Talvez aqui devamos, para quem julgar de interesse avançar com estudos sobre os conflitos e os desdobramentos dos grupos que disseminam o terror em nome do religioso. Mas este não será nosso objeto de abordagem, apenas o referimos para sinalizar este tema do religioso selvagem.

A religiosidade como fenômeno determinante e preponderante influenciador da cultura, tem sua marca visível na vida pública nas formas de comportamento moral, como também na percepção econômica que os homens elaboram de seu meio e suas estruturas.

3 Religião e Educação: o Ensino Religioso e a resposta à secularização.

Nosso tempo e nossa civilização, podemos afirmar, vive uma inquestionável certeza: somos produto (filhos) da secularização e da laicidade, nossas ideias e nossos modos de organizar nossos contextos giram movidos como que por um vento secular e uma brisa laica. Por isto arrisco-me a dizer que não buscamos em outros mundos as causas de nossa existência, mas também não nos contentamos que um dia simplesmente morreremos e que nossa existência se limita ao simples funcionamento de um corpo que se encerra quando este deixar de funcionar.

Nossas gerações, as presentes, aquelas que estão em formação e as gerações futuras, como Ilya Prigogine gostava de se referir, sabem que precisam inventar seu tempo e que a melhor maneira de o fazerem é encontrar na educação as bases para o poderem realizar e o fazer com consciência.

Philippe Nemo em “O que é o Ocidente?” Apresenta o Ocidente como uma civilização que se constitui como tal num processo que ele denomina de história de longa duração e que é resultado de uma metodologia que ele denomina de “saltos culturais” porque os líderes dos povos que vão formando o Ocidente incorporaram, nem sempre de forma pacífica e amistosa, hábitos, ideias e valores de outros povos aos seus povos.

Do mesmo modo entendo que esta história constitutiva de nosso memorial civilizatório segue a mesma metodologia: nossa geração, como as seguintes, vai incorporando e inventando, como que em saltos culturais os tempos cotidianos. É assim carregamos coisas do passado e projetamos novos tempos.

A religião não desaparece, mas ela sofre mudanças e promove mudanças. Desde as últimas décadas do século XX o lugar da religião no espaço escolar desperta ampla reflexão. Em virtude da erosão de muitos dos referenciais da cultura ocidental, em especial os religiosos. Alguns pensadores, em específico Régis Debray na França, alertaram para a crescente incultura religiosa que vai ganhando cada vez mais lugar nas nossas sociedades modernas.

Como resposta a esta falta de cultura sobre o mundo das religiões, aliada ainda a uma nova necessidade cívica de equacionar o novo mundo do terrorismo e dos fundamentalismos religiosos, a religião na sala de aula revela-se cada vez mais como uma realidade que necessita de um amplo debate que responda e corresponda a alguns dos desafios mais prementes do nosso mundo.

Penso que a grande dificuldade para enfrentar estas questões está no fato de tradicionalmente ter-se fundamentado a idéia de uma dignidade humana como resultado de uma essencialidade humana. Ter-se acreditado que existe ou existirá uma

natureza além da história capaz de apresentar uma idealidade do homem; algo como uma supra humanidade, capaz de levar homens e mulheres de distintas época, vivências e experiências a comportamentos exemplares que se perpetuem. Seria a humanidade capaz de produzir ações e premissas possíveis de indentificar o que se deve tomar como justo ou injusto, isto é, seguindo o pensamento de R. Rorty, maneira filosófica tradicional de explicar aquilo que entendemos por solidariedade humana é dizer que há algo dentro de cada um de nós – a nossa humanidade essencial – que ressoa como a presença dessa mesma coisa em outros seres humanos.

Sair destas armadilhas só será possível tanto quanto percebermos a dimensão de nossa contingência de forma a reconhecermos que nos devemos opor a idéias tais como a idéia de essencialidade humana, como diz Rorty, um “eu central”, uma “natureza” e um “fundamento”. Só este reconhecimento nos permite afastarmo-nos das afirmações de que há algumas ações e atitudes que são naturalmente “desumanas”. Como Rorty, entendo que:

Esta insistência (na contingencia) implica que aquilo que conta como sendo um ser humano decente seja relativo às circunstâncias históricas, seja questão de um consenso passageiro quanto a saber que atitudes são normais e que práticas são justas ou injustas.

È Importante percebermos os momentos nos quais as sociedades em seus processos históricos passam por crises, reconhecer quando a história entra em convulsão e, como resultado de tudo isto as instituições, organismos criados por homens e para os homens, entram em ruptura conjuntamente com padrões de comportamentos tradicionalmente tomados como desejáveis. Estes momentos históricos devem ser vistos em sua contingencialidade e não atribuídos a uma essencialidade, a um fundamento criado na teoria das idéias inatas, segundo as quais as pessoas nascem com idéias matemáticas, verdades eternas e noção de Deus, capazes de nos fazerem chegar às verdades manifestas.

Contudo, como pensa Rorty, não se nega que não se deva procurar uma saída diante destes momentos de convulsão e de ruptura, pois (diz Rorty) Queremos algo que

se encontre para lá da história e das instituições. E que poderá haver, a não ser a solidariedade humana, o nosso conhecimento da humanidade de outrem que nos é comum(RORTY 1994 p. 243).

Tratar da religião na sala de aula significa enfrentar as grandes questões que afetam a forma como homens e mulheres, nesta nossa sociedade, constroem suas razões efetivas para viver como vivem e porque vivem.

Discutir religião já nas séries iniciais da educação formal, significa assumir a necessidade de perceber que a vida não está posta somente na necessidade de construir modos de coesão social, muito menos de se reduzir à luta pela sobrevivência, pois viver e morrer não se fixa na discussão sobre quando um corpo para de funcionar.

Diante da necessidade da coesão social, adotando pensamento de R. Rorty, a ciência natural e o senso comum da modernidade o fazem com competência, mas se pensamos que viver é algo mais, algo que se coloca mais além – e este além não se trata de um mundo metafísico, mas trata-se de construir proposta de solidariedade – então um conhecimento religioso pode mostrar-se não apenas necessário, mas vantajoso.

Trata-se de colocar a religião fora da referência a um mundo metafísico. Falar da religião fora da metafísica apresentar a religião no registro da interpretação, da hermenêutica e do pragmatismo, como possibilidade de se produzir sobre o mundo uma interpretação e não uma inteligibilidade deve ser o que justifica a presença da religião na sala de aula.

O debate acerca da religião e dos estudos dela e sobre ela, na sala de aula, nos levará a mapear os caminhos que constroem a inumanidade – como dizia Lavinás –, ou no dizer de Rorty aqueles que nos fazem mais cruéis.

Assim, religião não é para que nos tornemos mais dignos, mas menos inumanos ou menos cruéis, pois por ela perceberemos nossas contingências o que nos afastará de considerar que algumas afirmações serão mais humanas do que outras. O estudo da religião deve abrir para a discussão sobre as práticas de que: discriminação étnica e

religiosa é tratar de identidade, autonomia, alteridade, valores, tradições, símbolos, indivíduos, coletividades, singularidades, pluralidades. É também tratar das fronteiras, das relações intra e inter-grupos, inclusões, exclusões.

O Ensino de religião não deve estar para formar cidadãos nem mais conscientes nem tão pouco mais responsáveis. Estudar religião, já nas series iniciais da educação formal, significa assumir a necessidade de perceber que a vida não está posta somente na necessidade de construir modos de coesão social.

Entendo e quero propor que uma disciplina curricular introduzida na regularidade das salas de aula de nossas escolas deve ter como objetivo produzir um leque mais alargado de testemunhos, como dizer de Rorty, produzir maior número de audiências, do que poderíamos ter de outra forma e algum entendimento sobre a evolução e as questões históricas, boas ou más, das várias formas de crença religiosas existentes no mundo.

Deste modo entendo que o estudo resultado dos esforços do Ensino Religioso pode contribuir, de modo relevante, não só compreender, mas identificar o pensamento religioso da geração contemporânea, contribuirá para perceber como homens e mulheres produzem razões para fazerem o que fazem e como fazem e este fazer produzirá ações de solidariedade capazes de nos afastar da crueldade.

Por fim aqui proponho que o Ensino Religioso contribuirá para descortinar os debates que os jovens e adolescentes pretendem realizar sobre seu modo de estar na vida. Conduzi-los de forma serena e competente pelas vielas da vida humana, olhando de frente os desafios deste percurso. Olhar as questões que se nutrem nestes debates pelo olhar do religioso será um ato de solidariedade e de caridade, e em meu entender a melhor forma por contribuirmos para que eles então construam não um mundo melhor, mas um mundo menos cruel, onde todos possam se sentir reconhecidos em suas particularidades.

O Ensino Religioso, tratado em chave pragmática será a possibilidade efetiva de responder ao momento histórico contemporâneo que nos coloca além da metafísica e

nos reclama que se resgate a dimensão plena do que é viver como homens e mulheres no século XXI.

Referenciais

BORGES, Anselmo. *Secularização e Tolerância*, Revista de História das ideias, vol. 25 2004

VATTIMO, G. *Depois da Cristandade*. Por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro, Record, 2004.

RORTY, Richard. *Contingência Ironia e Solidariedade*. Lisboa, editorial Presença, 1992.

NEMO, Philippe. *O que é o Ocidente?* São Paulo Martins Fontes. 2005.

BRAGUE, Rémi. *A Sabedoria do Mundo, história da experiência humana do universo*. Lisboa Piaget, 1999.

http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf (acesso 26 de maio de 2015)

[1]